

GUIMARÃES ROSA E MARCUSE: A LITERATURA COMO RESISTÊNCIA POLÍTICA

GUIMARÃES ROSA AND MARCUSE: LITERATURE AS POLITICAL RESISTANCE

Roberto Antônio Penedo do Amaral **1**

Resumo: O artigo realiza um cotejo entre a perspectiva literária do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967) e o pensamento estético do filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979) sobre a papel da literatura como resistência política. O esforço é o de pensar as aproximações e os distanciamentos entre a estética literária de Rosa e de Marcuse a partir de dois mirantes: o do escritor e o do filósofo, no sentido de apreender a instância questionadora da matéria literária. No final do artigo, à guisa de considerações finais, são apresentados alguns apontamentos para se pensar a literatura como fonte de conhecimento, tendo as reflexões roseanas e marcuseanas como fundamento.

Palavras-chave: Literatura, estética, Guimarães Rosa, Herbert Marcuse

Abstract: The paper makes a comparison between the literary perspective of the Minas Gerais writer João Guimarães Rosa (1908-1967) and the aesthetic thinking of the German philosopher Herbert Marcuse (1898-1979) on the role of literature as political resistance. The effort is to think of the approximations and distances between the literary aesthetics of Rosa and Marcuse from two viewpoints: that of the writer and that of the philosopher, in the sense of apprehending the questioning instance of literary matter. At the end of the article, as a final consideration, some notes are presented in order to think of literature as a source of knowledge, with the roseanas and marcuseanas reflections as the foundation.

Keywords: Literature, aesthetics, Guimarães Rosa, Herbert Marcuse

Escritor, poeta, ensaísta e professor universitário. Graduado em Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação, pós-doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor de *Do mundo, suas delicadezas*, (romance) (Editora Penalux, 2017), *54 [+ uma] mulheres do baralho* (poemas) (Editora Cousa, 2105), *Contos extraviados* (contos) (Butecanis Editora Cabocla, 2015), *Uma Denise* (romance) (Editora Cousa, 2014), *Le mot juste* (romance) (Orobó Edições, 2011) e *Paul Ricoeur e as faces da ideologia* (ensaio) (Editora da UFG, 2008). Assinou a coluna 'O mal-entendido universal' na *Germina – Revista de Literatura e Arte* e a coluna 'Memorabilia' na *Revista Pausa*. Editor de *Palávoraz – Literatura e Afins*. Coordenou o Projeto de Extensão *Café Literário* em Diamantina (MG). Coordena o Projeto *Diálogos Literários* em Palmas (TO). Foi o curador do Projeto *Caravana Rolidey – Literatura na Estrada*. Despacha no site literário ERRE AMARAL. É professor associado I na Universidade Federal do Tocantins (UFT), onde ministra aulas no Curso de Licenciatura em Filosofia, no Curso de Pós-Graduação em Ética e Ensino de Filosofia e no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO. E-mail: robertoamaral001@gmail.com

credo e poética são uma mesma coisa.

João Guimarães Rosa

A política, o compromisso do escritor e a autonomia da arte

Em 1965, João Guimarães Rosa participou do Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova, Itália. O crítico literário alemão Günter W. Lorenz, presente ao evento, registrou uma atitude curiosa do escritor mineiro. No momento em que se discutia a questão da política em geral e do compromisso político dos escritores, o autor de *Grande sertão: veredas* ausentou-se da sala, demonstrando, pelo seu semblante, total desconforto em participar do debate. Em diálogo com o próprio Lorenz (1973), Rosa esclareceu que sua atitude não deveria ser interpretada como um protesto contra o fato de se estar discutindo política, seu gesto deveria ser tomado, na verdade, como uma recusa à forma monótona e tediosa com que a temática estava sendo conduzida. No mesmo diálogo, Rosa não abriu mão, no entanto, de apresentar a sua perspectiva sobre essa relação do literato com a política:

Embora eu veja o escritor como um homem que assume uma grande responsabilidade, creio, entretanto, que não deveria se ocupar de política; não esta forma de política. Sua missão é muito importante: é o próprio homem. Por isso a política nos toma um tempo valioso. Quando os escritores levam a sério o seu compromisso, a política se torna supérflua (in LORENZ, 1973, P. 318).

Essa assertiva de Rosa aproxima-se demasiado da visão sobre o compromisso artístico apontado pelo pensador alemão Herbert Marcuse (1898-1979), em sua obra *A dimensão estética* (1977),

[...] vejo o potencial político da arte na própria arte, na forma estética em si. Além disso, defendo que, em virtude de sua forma estética, a arte é absolutamente autônoma perante as relações sociais existentes. Na sua autonomia, a arte não só contesta estas relações como, ao mesmo tempo, as transcende. Deste modo, a arte subverte a consciência dominante, a experiência ordinária (MARCUSE, 1977, p. 12).

Não há dúvida de que, por outras palavras, era o que Rosa queria afirmar quando fala sobre o verdadeiro compromisso do escritor: o próprio homem. Para ele, o escritor, não deve abrir mão de sua tenaz arma de luta e resistência: a sua própria obra. Espraiar-se na retórica de metáforas esvaziadas, como é o discurso político, que raramente se distancia do partidário e do a reboque do poder – seja de esquerda ou de direita – é um risco ao qual o escritor pode lançar-se e não alcançar os fitos que, com sua arte, lograria com mais humanas possibilidades. Isso porque, como afirmou Marcuse, a forma estética, em sua autonomia, se converte numa autêntica e legítima contestadora das relações sociais e, mais que isso, a supera, pois que abre brechas à transcendência da consciência padronizada e de experiências mediocrizantes, o que está em conformidade com o que argumenta Rosa em seu diálogo com Lorenz:

[...] embora eu ache que um escritor de maneira geral deveria se abster de política, peço-lhe que interprete isto mais no sentido da não participação nas ninharias do dia-a-dia político. As grandes responsabilidades que um escritor assume são, sem dúvida, outra coisa... (in LORENZ, 1973, p. 319).

E vaticina: “A política é desumana, porque dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula em uma conta. Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem” (in LORENZ, 1973, p. 333).

É importante encarar essa desconfiança de Rosa em relação a política profissional, não somente a partir do mirante dos olhos do escritor, mas também das vivências do médico, do

rebelde revolucionário, do oficial do exército e do diplomata que colaborou com a fuga de judeus das mãos dos nazistas. Não se trata, portanto, de uma fala sobre a política a distância, mas de experiências diretas com a sua *práxis*. Tal *curriculum vitae* permite ao criador dos personagens Riobaldo e Diadorim não se iludir com práticas distanciadas de atitudes verdadeiramente políticas e mais distanciadas ainda de gestos esteticamente éticos,

[...] eu jamais poderia ser político com toda essa charlatanice da realidade. O curioso no caso é que os políticos estão sempre falando de lógica, razão, realidade e outras coisas do gênero e ao mesmo tempo vão praticando os atos mais irracionais que se possa imaginar. Talvez eu seja um político, mas desses que só jogam xadrez, quando podem fazê-lo a favor do homem. Ao contrário dos “legítimos” políticos, acredito no homem e lhe desejo um futuro. Sou escritor e penso em eternidades. O político pensa apenas em minutos. Eu penso na ressurreição do homem (in LORENZ, 1973, p. 334).

A arte: revolucionária ou reacionária?

Para Marcuse (1977), a forma estética da verdadeira obra de arte possibilita, a quem a ela se dá com espírito aberto, o alcance da revelação que a aparência do mundo vela, ou seja, o aprisionamento a uma condição social desumanizadora. Ao apresentar de forma simbólica esse quadro degradante em que as pessoas vivem, a forma estética lhes desperta o sentimento de rebelião e o desejo de lutar contra tais gabaritos da existência. A essa capacidade da obra de arte, Marcuse atribui o epíteto de revolucionária: “toda a verdadeira obra de arte seria revolucionária, isto é, subversiva de percepção e da compreensão, uma acusação da realidade estabelecida, a aparição da imagem de libertação” (1973, p. 13).

Nesse aspecto, é possível, de forma irônica, a partir da visão do escritor brasileiro, problematizar o conceito de revolucionário do pensador alemão. Para Rosa, a boa literatura só é capaz de cumprir seu papel de levar o ser humano a se rebelar contra a realidade cristalizada em que está envolvido, a partir do poder simbólico que a estética literária carrega em seu sentido mais profundo, e tal sentido repousa na primordialidade das palavras. Para lograr alcançá-lo, é necessário que o escritor, reacionariamente, ou seja, retroagindo a um passado longínquo, desencrave-o da inércia da linguagem hodierna e de seu esvaziamento metafísico e metafórico, como ele mesmo diz,

Não sou um revolucionário da língua. Quem afirme isto não tem qualquer sentido da língua, pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem. Veja como se tornam insensatas as frases feitas, tais como “revolucionário” ou “reacionário”, quando as examinamos em função de sua utilidade, quando a gente as toma beim Wort nimmt [1], como dizem os alemães (in LORENZ, 1973, p. 341).

Apesar do aparente paradoxo, não há antagonismo entre Rosa e Marcuse em suas defesas tanto do aspecto revolucionário quanto do reacionário da forma estética, pois que, em ambos os casos, o fim comum é a busca da superação da condição agrilhoadada do ser humano em suas relações pessoal e coletiva.

Para Rosa, essa busca incessante pelo sentido original das palavras, além de ser seu compromisso político como escritor, constitui-se no seu próprio método de trabalho, assim como ele mesmo explica:

Primeiro, há meu método que implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original. Por isso, e este é o segundo elemento, eu incluo em minha dicção certas particularidades dialéticas de minha região, que não são linguagem literária e ainda têm a

sua marca original, não estão desgatadas e quase sempre são de uma grande sabedoria linguística (in LORENZ, 1973, P. 338).

Por essa exposição metodológica de Rosa, poder-se-ia mesmo falar na existência de uma determinada pedagogia literária imersa em suas narrativas. O que lhe dá estofo para reafirmar o seu credo no autêntico posicionamento político do bom escritor: colocar seu talento em função de sua obra e deixar que ela fale por si própria.

A verdade da arte: forma e conteúdo

Para Marcuse (1977), o potencial subversivo da obra de arte reside na capacidade que ela possui em representar simbolicamente a realidade social em todas as suas contradições. O artista utiliza-se de imagens e metáforas para traduzir as cenas e os fatos da condição humana e mundana para reenviá-la, por meio da linguagem artística, à interpretação dessa mesma condição humana e mundana de forma transfigurada. Dessa maneira, diz Marcuse, “o *Woizeck* de Büchner, as peças de Brecht, mas também os romances e as histórias de Kafka e de Beckett são revolucionários em virtude da forma dada ao conteúdo” (1977, p. 14). A forma dada ao conteúdo, eis aí o *plus ultra* da obra de arte. É justamente na maneira como o escritor traduz a realidade humana e mundana para a linguagem artística que esta se abre a interpretações e, conseqüentemente, à atitude de questionamento e rebelião. Para o pensador alemão, “A verdade da arte reside no facto de o mundo, na realidade, ser tal como aparece na obra de arte”. (1977, p. 14).

Sobre a verdade da arte, Rosa faz a seguinte declaração:

[...] quero ainda ressaltar que credo e poética são uma mesma coisa. Não deve haver nenhuma diferença entre homens e escritores; esta é uma maldita invenção dos cientistas, que querem fazer deles pessoas totalmente distintas. Acho isso ridículo. A vida deve fazer justiça à obra, e a obra à vida. Um escritor que não se atém a esta regra não vale nada, nem como homem nem como escritor. Ele está face a face com o infinito e é responsável perante o homem e perante si mesmo (in LORENZ, 1973, p. 330).

Esse credo de Rosa é esclarecedor de sua opção política como escritor. Aí ele revela onde, de fato, o literato pode e deve exercer a sua atividade: em sua própria obra. Para ele, o modo de fazer política do escritor deve se dar através de sua poética. Em outros termos, o artista da palavra deve plasmar a realidade humana e mundana com o material que tem à sua disposição: o pensamento e a palavra poética. Rosa devota tal força à palavra poética como palavra criadora de outras possibilidades humanas e mundanas, que chega a tecer uma máxima: “Meu lema é: linguagem e a vida são uma coisa só” (in LORENZ, 1973, p. 339).

Sobre essa questão da linguagem, Marcuse (1977) faz uma ressalva fundamental. Para ele, a literatura não é revolucionária porque literalmente incita à revolução, não é rebelde porque dita regras sobre como rebelar-se; a literatura só pode ser revolucionária em relação a si mesma, como conteúdo plasmado em forma. Nesse sentido, Marcuse afirma que a relação da literatura com a realidade é, necessariamente, “indirecta, mediatizada e frustrante” (1977, p. 14). O que significa que quanto mais a linguagem literária for próxima da realidade em seu sentido literal, mais ela perderá a capacidade de transcendê-la. E mais que isso, não há garantias de que a leitura da obra literária assegure, indiscutivelmente, atitudes críticas e de inconformismo. Tal leitura estará sempre submetida a um processo de interpretação. Porém, tal processo é, por si só, irrecusavelmente, um gesto de rebeldia. Isso permite a Marcuse afirmar que, “Neste sentido, pode haver mais potencial subversivo na poesia de Baudelaire e de Rimbaud que nas peças didáticas de Brecht” (1977, p. 14).

Ainda sobre o poder criador da palavra poética, Rosa não esconde o lugar aonde vai beber o seu credo: a metafísica. É através de uma peculiar linguagem metafísica que sua obra se constitui como a grande aposta no ser humano. É no verbo criador que ele se fia como homem e escritor. E é com essa linguagem metafísica convertida em narrativas poéticas que ele faz a sua política:

O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se

impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista que também não avança simplesmente com a fé e com pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar a Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é o meu método. O bem-estar do homem depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, ele se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isso era blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! a língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal (in LORENZ, 1973, p. 340).

Certamente, o caminho de Marcuse não transita pela metafísica. Mas isso não o impede de dedicar a mesma força, embora imanentemente, à forma estética literária como possibilitadora fundamental de mudanças radicais na vida individual e social do ser humano. Segundo ele, “Parece que a arte pela arte expressa uma verdade, uma experiência, uma necessidade que, embora não o domínio da práxis radical, são, mesmo assim, componentes essenciais da revolução” (1977, p. 15).

A forma estética e a transcendência da realidade

Marcuse (1977) aponta como aspectos radicais da arte: a capacidade de criticar a realidade e, ao mesmo tempo, de trazer à luz a possibilidade de emancipação. Tais aspectos são assegurados pelo fato de a obra de arte conseguir transcender sua própria determinação social, alcançando, dessa forma, autonomia crítica e transgressora em relação à própria realidade em que é forjada. Poder-se-ia mesmo partir do pressuposto de que uma obra de arte não ensina o que é o mundo, a sua vitalidade reside em impulsionar o ser humano a buscar o conhecimento sobre o mundo, em dar-lhe sentido e razão de ser. O artista ao dar sentido ao mundo, através de sua obra, o devolve em forma de símbolos e metáforas para que quem vá ao seu encontro o desvele: eis o mundo com sentido renovado. Segundo Marcuse, “A lógica interna da obra de arte termina na emergência de outra razão, outra sensibilidade, que desafiam a racionalidade e a sensibilidade incorporadas nas instituições sociais dominantes” (1977, p. 20).

Esses argumentos apresentados por Marcuse oportunizam a retomar o credo de Rosa quanto ao compromisso político do escritor: a apaixonada e disciplinada dedicação à realização de sua própria obra. Desde a laboriosa condução de seu processo de escrita até a consecução de sua poética, tal compromisso deverá ser o fiel condutor de seu trabalho literário. Para ele, somente dessa maneira a literatura poderá se converter de fato num autêntico instrumento de luta política para o literato: “Temos de aprender outra vez a dedicar muito tempo a um pensamento; daí seriam escritos livros melhores. Os livros nascem, quando a pessoa pensa; o ato de escrever já é a técnica e a alegria do jogo com as palavras” (in LORENZ, 1973, p. 336). E é a essa tarefa de fazer com que a literatura transcenda a realidade, da qual fala Marcuse, que Rosa se dedicou de forma intransigente e incomparável. Se há um escritor que buscou de forma criteriosa e com soberba criatividade realizar esse compromisso político, ético e estético, foi o alquimista da palavra de Cordisburgo:

É exatamente isso que eu queria conseguir. Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original. Legítima literatura deve ser vida. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve (in Lorenz, 1973, p. 341).

A literatura como fonte de conhecimento

As lições de Herbert Marcuse e João Guimarães Rosa acerca da obra literária como resistência política apontam para algumas reflexões preciosas sobre a literatura como fonte de conhecimento.

A literatura consubstancia-se numa outra realidade, construída a partir da realidade vivida, que provoca e reclama atitudes, gestos e respostas sempre que é lida e relida. Em outras palavras, a literatura introduz outro cenário que se sobrepõe ao ordinário dia a dia, mas não faz dele uma instância alienada, pois que é de tal cotidiano que ela extrai as suas temáticas. A imaginação literária não parte de outro lugar a não ser deste em que o ser humano trava as suas lutas, constrói os seus sonhos e anseia por suas utopias; em que busca o sentido para si, para os outros, para o mundo em que vive. E é dessa forma também que a literatura, ao não se reduzir a um discurso racionalista e cientificista, alcança a abrangência do humano demasiado humano.

A importância do saber literário encontra a sua razão de ser através da representação evocada pela leitura da obra literária e os dilemas sociais, existenciais e históricos do ser humano. O embate entre as circunstâncias humanas, ao mesmo tempo, locais e universais, como a dor, a solidão, a luta, o medo, a morte, e a trama literária, possibilita uma abertura de busca de novos horizontes, de rompimento com uma condição humana agrilhoadada pelos ditames da padronização e da mediocridade.

Ao gerar um ambiente de mistério e de perplexidade, a literatura instabiliza para uma dimensão interrogativa, para uma atitude de rebelião. Já não bastará ser apenas um leitor, pois o impulso por ela provocado é no sentido de o ser humano buscar ser também autor da escrita da própria existência, reconhecendo aí, os condicionantes objetivos e subjetivos para a realização de tal tarefa. É nesse sentido que a literatura sem a pretensão óbvia de querer ensinar algo, termina por comunicar muito mais. A literatura não se arvora a ser portadora da verdade absoluta e, no entanto, não abre mão de reverberar as várias visões de mundo que dizem respeito ao imaginário estético, social e cultural do ser humano.

Eis a sabedoria da literatura: se revelar através da inumerável riqueza da compreensão da realidade humana e não da tacanhez de conceitos e definições fechadas em si mesmas. Os sentidos que advém das interpretações da obra literária permanecem em suspenso, plurívocos, irredutíveis, dependentes de uma complexa teia de relações que se busca apreender e compreender.

A literatura, enquanto saber, não é um mero repositório de sobras e fragmentos de conhecimento do e sobre o mundo, depois de passado o trator do racionalismo e do cientificismo. Na verdade, a linguagem sendo a fundadora da cultura e da sociedade e, portanto, da própria ciência faz do escritor, o artesão da literatura, de certa forma, um "homem de ciência". Ou seja, através de suas metáforas faz convergir e ressoar conhecimentos do e sobre o mundo; suscita inquietações, dúvidas, questionamentos e reflexões sobre a realidade vigente; exorta à superação da medianidade e à rebelião contra os grilhões da existência.

Notas

[1] "Toma literalmente", citado em alemão por Guimarães Rosa.

Referências

LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U., 1973.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Trad. Maria Elisabete Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

Recebido em 30 de setembro de 2018.
Aceito em 20 de janeiro de 2019.

